

O mundo de Comenius: entre conflitos e guerras, uma luz para a prática pedagógica

Quatrocentos e dez anos do nascimento do autor da *Didática magna*

Alvori Ahlert*

Resumo: O presente artigo visa resgatar o contexto histórico-social de um dos mais importantes teórico-práticos da Didática e, conseqüentemente, da Pedagogia Ocidental. Comenius viveu num dos períodos mais conturbados da Europa, em meio a um processo de longas e contínuas guerras religiosas e na transição do período do Feudalismo para a Modernidade. Submetido a profundos sofrimentos, Comenius não deixou de buscar, insistentemente, alternativas para educar melhor o ser humano e, assim, possibilitar-lhe vida mais digna e humana. Para Comenius, a educação era o caminho para um ser humano e uma sociedade melhor. Conhecer o contexto de sua prática e produção teórica pode contribuir para uma reconstrução da utopia em educação, tão necessária para a nossa prática pedagógica.

Resumen: El presente artículo visa rescatar el contexto histórico social de uno de los más importantes teóricos-prácticos de la Didáctica y, como consecuencia, de la Pedagogía Occidental. Comenius vivió en uno de los períodos más combulsos de Europa, en medio de un proceso de largas y continuas guerras religiosas y en la transición del período del Feudalismo para la Modernidad. Sometido a profundos sufrimientos, Comenius nunca dejó de buscar, insistentemente, alternativas para educar mejor al ser humano y, así, posibilitarle una vida más digna y más humana. Para Comenius, la educación era el camino para un ser humano mejor y una sociedad mejor. Conocer el contexto de su práctica y producción teórica puede contribuir para una reconstrucción de la utopía en educación, tan necesaria para nuestra práctica pedagógica.

Abstract: The present article intends to ransom the social-historical context of one of the most important theoretical-practical persons in the area of Didactics, consequently, of western Pedagogy. Comenius lived in one of the most agitated periods of Europe, involved in a process of long and constant religious wars and in the transition of Feudalism to Modernity. Exposed to deep suffering, Comenius didn't give up searching, obstinately, for alternatives to better educate the human being and to give him, in this way, the possibility of a human and dignified life. For Comenius, education was the way to arrive at a better society and human being. Knowing the context of his practical and theoretical production may contribute to a reconstruction of the utopia in education, so important for our pedagogical practice.

* Professor Assistente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon e doutorando em Teologia – Área Religião e Educação, no IEPG-EST, em São Leopoldo/RS.

1 - Introdução

A crise da Modernidade continua provocando buscas por respostas a tantas questões não resolvidas pela ciência, que se julgava infalível durante os últimos séculos, e pela educação por ela influenciada. Nesta busca cresce o interesse em olhar melhor o passado quanto ao desenvolvimento da construção e reconstrução de conhecimentos dentro de um processo pedagógico. Entre muitas teorias em gestação, existem tentativas de fazer uma investigação sobre as diversas formas de conhecimento não suficientemente valorizadas pela história racionalista do Iluminismo. Trata-se de recuperar a diversidade de culturas e saberes, cujas entranhas ainda guardam contribuições que, atualizadas, podem iluminar nossos *que-fazeres* educativos. Esta diversidade mostra-se cada vez mais rica nos momentos de ruptura histórica, constituindo-se em verdadeira “pedagogia do conflito”, no dizer de Boaventura de Souza Santos (1996). Segundo ele, os conflitos devem ocupar o centro da experiência pedagógica emancipatória. É preciso vulnerabilizar e desestabilizar os modelos da epistemologia dominante, fazendo uma hermenêutica no sentido de um resgate do sofrimento humano. É preciso produzir imagens desestabilizadoras para produzir indignação, rebeldia e inconformismo. Por isso, conhecer os conflitos históricos que geraram rupturas epistemológicas educacionais constitui-se em importante contribuição para iluminar nossa caminhada hoje.

Jan Amos Comenius teve importante contribuição e influência nos processos de formação, educação e pesquisa no período em que a sociedade ocidental passou do feudalismo para o modo de produção capitalista. Sua obra está ajustada ao seu tempo, dando respostas ao que o novo demandava. Tanto suas obras pedagógicas quanto suas obras como reformador social podem, através de uma releitura, iluminar nossas necessidades de pedagogias do conflito. Sua utopia de ensinar tudo a todos, numa proposta essencialmente comunitária e participativa, pode ser fonte para a reconstrução de utopias para nossos dias.

Fazendo referência aos 400 anos do nascimento de Comenius, este trabalho objetiva reconstruir o período histórico da vida de Comenius, sua origem, seu desenvolvimento na Comunidade dos Irmãos Morávios, na Boêmia, e o sofrimento que a Guerra dos Trinta Anos lhe impôs, influenciando profundamente sua obra como teórico praxista e místico do século XVII.

2 - O mundo de Comenius

A obra de Comenius é um dos patrimônios mais importantes da história da pedagogia ocidental. Sua vida, sua história, sua produção de conheci-

mentos, suas obras se desenrolaram na Europa central, na Morávia, no Reino da Boêmia, mais tarde Tchecoslováquia, hoje República Tcheca e Eslováquia. Jan Amos Comenius nasceu em 28 de março de 1592, na cidade de Uherský Brod, filho de moleiro, oriundo de Komna, da região eslava. Mencionar estas cidades e regiões tem importância, pois elas são o centro de uma tensão político-social-religiosa da época. Lá surgiu um dos principais movimentos religiosos de contestação do *status quo*, conhecido como Movimento Hussita, dos primórdios do século XV, liderado por João Hus. Comenius é filho dessa tradição protestante da Boêmia que contestou os abusos da Igreja e do Estado que mantinham a população dominada pelo medo e pela mentira.

A Europa viveu durante cinco séculos sob o domínio da Escolástica, a qual buscava readaptar a fé à razão, fruto do intercâmbio com os países árabes que trouxeram o pensamento aristotélico no período das Cruzadas. Foi um período intermediário entre o feudalismo e o nascimento do modo de produção capitalista.

Esta nova fase vivida na Europa a partir do século XI significou profundas transformações sociais, políticas, econômicas e religiosas. O crescimento das cidades fez surgir um novo pobre, o pobre urbano dependente total da benevolência dos novos ricos, frutos do processo comercial e industrial emergente. Velhas certezas começaram a cair e a própria unidade do Império germânico começou a se esfacelar. Novas exigências religiosas colocavam em xeque o monasticismo ascético medieval. A crise do antigo regime forçou e encorajou o surgimento de movimentos de contestação ao Império Eclesiástico centrado em Roma e questionavam a nova sociedade abastada. (Ahlert, 1996, p. 32).

Estas situações conflitantes lançaram as bases do movimento da Reforma. Seu principal precursor foi o movimento hussita da Boêmia, liderado por João Hus, nascido na Boêmia, em 1373. Hus era sacerdote, professor e reitor da Universidade de Praga. Com sua pregação eloqüente e profética, fundamentada nas Sagradas Escrituras, mobilizou multidões na Europa. Seu objetivo era restaurar a verdade e a justiça, flagrantemente seqüestradas pela Igreja da época. Hus, influenciado por Wycliff, pregador inglês, atacou a corrupção da Igreja fundamentado em escritos bíblicos que ele havia traduzido para a língua tcheca e seus dialetos, para que o povo dominado pudesse ter acesso aos escritos que julgava serem a verdade e a justiça. Assim, conscientizou o povo sobre as falsidades propagadas pela Igreja que propunha a salvação mediante dinheiro e conquistas próprias, o que conflitava com a doutrina da graça de um Deus misericordioso das Sagradas Escrituras.

Hus ensinava que só Cristo é a cabeça da Igreja e a Bíblia a única autoridade em questão de fé. Para escoimar de abusos o clero, propunha a abolição da hierarquia e a pobreza absoluta para os sacerdotes. Ao mesmo tempo, combatia o

feudalismo e defendia o estabelecimento de uma democracia cristã onde todos pudessem viver em igualdade de direitos e condições. (Covello, 1991, p. 13).

Ante o crescimento do movimento hussita, o imperador convocou um Concílio para que o colegiado de cardeais pudesse submeter Hus a um debate sobre as questões conflitantes que vinha propondo. Entretanto, para os cardeais e representantes do papa, o Concílio de Constança já tinha um veredicto preestabelecido: ou Hus se retrataria, negando todos os seus escritos, ou então seria excomungado da Igreja porque suas teses eram heréticas. Assim, no ano de 1414 Hus foi levado à fogueira como herege.

Sua morte produziu grande revolta nas comunidades protestantes hussitas da Boêmia. Cresceu um nacionalismo religioso muito significativo naquela região. Esta religiosidade expressou-se em diferentes comunidades confessionais. Uma das principais foi a *Unitas Fratrum*, ou Comunidade dos Irmãos Morávios. Ela caracterizava-se pela pureza cristã dos costumes, fervor religioso, fraternidade entre seus integrantes. Essa comunidade buscava fortemente sua unidade, investindo num desenvolvimento educacional que atingisse todas as crianças, meninos e meninas, e todos os adultos, homens e mulheres. Tinham a convicção de que as reformas religiosas deveriam passar necessariamente pelo renascimento da língua e da cultura do povo na qual estavam inseridos. A língua simbolizava os elementos da religião, da cultura, da política, da unidade e da autonomia da razão. Esta comunidade fraterna alavancou uma espiritualidade mais piedosa, acentuando o estudo das Sagradas Escrituras para que elas fossem o parâmetro da organização social e religiosa.

A cultura boêmia, do período de Hus a Comenius, buscava uma verdade individual e coletiva expressa através dos anseios de libertação religiosa, moral, nacional e social do ser humano. Essa libertação ocorreria, por um lado, pela eliminação do medo, do egoísmo e da escravidão e, por outro lado, quando o bem da humanidade fosse se estabelecer como interesse maior, a educação se tornasse permanente e as decisões se dessem com responsabilidade em relação aos outros.

Comenius é filho desta comunidade, isto é, seu pai era membro desta comunidade. E isto influenciou profundamente seu modo de pensar e agir. Sua educação familiar e comunitária ajudou-o a desenvolver uma vida espiritual e mística em consonância com a cultura de sua época. Entretanto, quando ainda não completara 12 anos de idade, faleceram seu pai, sua mãe e suas duas irmãs, ficando ele órfão de família. Foi então acolhido pela Comunidade dos Irmãos e integrado na escola de Nivnice. Ali se destacou na aprendizagem, o que levou os dirigentes da comunidade a transferi-lo para Prárov, onde concluiu os estudos secundários.

Submetido a estudos estafantes da língua latina, sem qualquer didática, onde os alunos eram forçados a estudar línguas, ciência, ética e retórica sem trégua e de forma desordenada e distante da realidade, cresceu em Comenius a pergunta sobre uma melhor forma de ensinar e aprender. “Todas as escolas da época, incluindo-se as dos Irmãos Morávios, ressentem-se de um mesmo e crucial defeito – a falta de método” (Covello, 1991, p. 18). Mas sua persistência e capacidade de apreensão do saber levaram-no para as Universidades de Herborn e Heidelberg, que na época eram o centro de irradiação do calvinismo. Nesta época, a comunidade dos Irmãos Morávios já demonstrava maior identificação com a doutrina calvinista e menos com a luterana.

Comenius iniciou estudos em Teologia em Herborn em 1611. Nessa universidade, tomou conhecimento das obras dos utopistas Andrea, Campanella e Vives, que marcaram profundamente seu pensamento. Ali também estudou o realismo sensorial de Bacon (1561-1626) e de Ratke (1571-1635), que elaboraram novos métodos de ensino com fundamentos mais racionais e naturais, que valorizavam a experiência do aprendiz e não apenas os estudos meramente lingüísticos greco-romanos do Renascimento. Segundo Monroe, “realismo é um tipo de educação em que se dá preferência ao estudo dos fenômenos naturais e das instituições sociais, em detrimento das línguas e literatura” (1987, p. 195). Aqui o pensamento científico e filosófico moderno tem o seu enraizamento. O realismo se dividia em humanista ou literário e social. O humanismo literário buscava o domínio da vida ambiente, natural e social. Seus principais expoentes foram Rabelais (1483-1553) e John Milton (1608-1674). Já o humanismo social buscava um afastamento do idealismo, do ascetismo e do sentimentalismo. Acreditava que a educação deveria ser uma preparação para uma vida prática e de uso constante, e não uma abstração que nada tivesse em comum com o ser humano. Michel de Montaigne (1533-1592) foi seu principal articulador. O humanismo social ainda teve uma outra vertente, denominada de realismo sensorial, que revolucionou os métodos de educação. Ele trazia dentro de si o gérmen da psicologia, da sociologia e do cientificismo. Passou-se a acreditar que o conhecimento era adquirido primeiramente pelos sentidos. Por isso, a educação deveria ser o treinamento da percepção sensorial, para depois se passar para as atividades mnemônicas. Entre os representantes do realismo sensorial destacaram-se Richard Mulcaster (1530), Francis Bacon (1561-1626) e, segundo Monroe (1987), Comenius, o maior representante do realismo educacional.

O meio universitário contribuiu particularmente para seu aprofundamento religioso, afirmando a sua fé na missão sacerdotal e educativa e ligando-o mais à história de sua pátria. Foi neste meio que Henrique Alsted o influenciou com suas teorias sobre as reformas educacionais e João Fischer

o estimulou a estudar as Sagradas Escrituras. Além de ampliar e aprofundar suas convicções religiosas, adquiriu, neste meio, uma vasta cultura enciclopédica e o espírito de busca e determinação que marcou sua vida e suas obras religiosas, didático-pedagógicas e pansóficas.

Antes de ir para o seu campo de trabalho profissional, passou por Praga. Depois retornou para Práero, centro educacional dos Irmãos Morávios, onde assumiu o magistério e iniciou uma grande reforma educacional. Tornou-se influente naquela comunidade e ali recebeu a ordenação pastoral em 1616. Dois anos mais tarde casou-se com Madalena Vizovska e se estabeleceu na cidade de Fulnek, exercendo o magistério eclesiástico. Foi neste período que se deu o início da Guerra dos Trinta Anos, que marcou profundamente sua vida pessoal e profissional.

3 - Comenius e a Guerra dos Trinta Anos

Com a renúncia de Carlos V, do Sacro Império Romano, a Europa protestante experimentou um breve período de paz, a partir da Paz de Augsburg, que se manteve em vigor durante o período de seus dois sucessores imediatos, Fernando I e Maximiliano II. Já em 1576, Rodolfo II, educado pelos jesuítas na Espanha, sucedeu a Maximiliano II e pôs fim ao período de tolerância religiosa na Europa.

O primeiro conflito de seu período de reinado iniciou na cidade de Donauwörth, em 1606, quando monges saíram em procissão e foram recebidos a pauladas pela maioria protestante da cidade. Este incidente reforçou a tese de Maximiliano da Baviera de que a heresia protestante deveria ser eliminada. Como reação, os protestantes criaram a União Evangélica em 1608, com o propósito de se defenderem do ataque dos católicos. No ano seguinte, os católicos fundaram a Liga Católica, dividindo o Império Alemão em duas partes.

Na vizinha Boêmia, a população já era de maioria protestante, por causa da influência hussita e da migração de alemães luteranos. Rodolfo II mandou seu irmão Matias, então, exterminar os protestantes na Hungria. Este, porém, fracassou em sua empreitada. Em 1617, Rodolfo II constituiu seu sobrinho Fernando II como rei da Boêmia. Sua missão era dar fim ao protestantismo na região. Imediatamente, ele mandou fechar os templos protestantes, o que causou enorme revolta na população. Em 23 de maio de 1618, revoltados com a destruição de um templo, os protestantes invadiram o palácio de Praga e jogaram pela janela os representantes da Coroa da Áustria. Este acontecimento, conhecido como *Defenestração de Praga*, deu início a uma das mais longas e avassaladoras guerras na Europa.

Para sua defesa e proteção, a Boêmia convidou e elegeu Frederico V, do Palatinado, para assumir o reinado da Boêmia. Sua coroação aconteceu na Catedral de Praga, onde Comenius esteve presente como representante eclesiástico. Para ele, Frederico V era o enviado que iria trazer a paz para seu povo. Entretanto, a União Evangélica era a minoria, e a Liga Católica ainda recebeu ajuda do exército espanhol, impondo uma acachapante derrota aos exércitos da União Evangélica em 8 de novembro de 1620, na Batalha de Montanha Branca. Segundo Covello, “Trinta e seis mil famílias saíram da Boêmia e da Moravia, fiéis às suas convicções” (1991, p. 31).

Tanto na Boêmia como no Palatinado, as conseqüências não se fizeram esperar. Na Boêmia, os principais chefes protestantes foram executados. A muitos outros privaram de suas propriedades. Decretaram-se leis proibindo hospedar ou ajudar de qualquer modo pastores luteranos e hussitas. Cada vez eram mais os que sofriam por sua fé. Por último, determinou-se que, para a Páscoa da Ressurreição de 1626, quem não estivesse disposto a fazer-se católico, teria de abandonar o país. O resultado de tudo isso foi tal que se calcula que, nos trinta anos que durou a guerra, a população da Boêmia diminuiu em oitenta por cento. (González, 1990, p. 26).

No ano de 1621, o exército espanhol incendiou a cidade de Fulnek. Comenius perdeu todos os seus bens, seus livros e as obras manuscritas que havia começado. Nesta peregrinação de fuga também morreram sua esposa e seus dois filhos, atingidos pela epidemia. Comenius foi então acolhido nas terras de um nobre tcheco que não havia participado das insurreições. Foi ali que encontrou refúgio para se reconstituir do profundo sofrimento, e onde repudiou mais profundamente os horrores da guerra. No livro *Dos aflitos*, escreve:

Quantos seres humanos mortos! Quantos presos! A quantos ceifou a fome, a peste, o frio, a amargura, o medo, o horror! Quantos sacerdotes banidos! Quantas famílias empobrecidas, das classes elevadas, como das classes baixas! E quantos se desviaram coagidos pela prisão e pelas torturas, ou vítimas de enganos astutos. E não há neste mundo esperanças de melhoras... Terminam as guerras, mas as outras se seguem; e a peste nada nos deixou senão algumas cidades despovoadas. Mas que digo, deixou-as? Ainda as continua a devorar. Em tudo há uma carestia nunca vista; impostos e tributos superiores às possibilidades humanas pesam sobre nós, e não só as autoridades como também a soldadesca saqueiam-nos à vontade e, o que é pior, sobre corpos e almas imperam a tirania e a violência. (apud Covello, 1991, p. 32).

Entre os soldados católicos que tomaram Praga, estava, curiosamente, René Descartes. “Este é o primeiro entrelaçamento da vida dessas duas figuras do século XVII, premonitório, aliás, do que viria a ocorrer depois” (Kulesza, 1992, p. 30).

Com a Paz da Westfália, o reino da Boêmia praticamente desapareceu. Comenius passou a migrar através da Europa. No exílio em Haia escreveu sua tese do saber universal, a *Didática magna*, que, nas palavras de Joaquim Ferreira Gomes (p. 32-33), é “o primeiro tratado sistemático de pedagogia, de didática e até de sociologia escolar”. Em 1641, recebeu convite de Hartlieb para se dirigir à Inglaterra e ali iniciar uma reforma educacional. Não conseguiu levar a efeito seu intento por causa de distúrbios políticos e econômicos. Em 1642, chegou à Suécia, onde veio a ter um encontro histórico, porém pouco registrado, com Descartes. Foi o encontro entre o pensamento individualista e o comunitário, entre o racional, que separava ciência de fé, e o intuitivo, que unia ciência e religião, entre o teórico abstrato e o teórico praxista.

Em 1654, Comenius retornou para a Polônia, refúgio dos hussitas boêmios a partir do fim da Guerra dos Trinta Anos. Instalou-se em Lezno, cuja população era de maioria protestante. No ano seguinte, Carlos Gustavo (Gustavo X), rei expansionista da Suécia, invadiu a Polônia e recebeu o apoio dos protestantes. Comenius saudou a vinda do rei com um panegírico, comparando-o a Alexandre, o Grande. Seu elogio extremado valeu-lhe a simpatia do rei, e a cidade de Lezno foi poupada. Porém, tal fato indignou os católicos da Polônia e, como represália, se mobilizaram e incendiaram Lezno em 25 de abril de 1656. Mais uma vez Comenius perdeu tudo, seus bens, sua biblioteca e seus manuscritos, fruto de longos anos de pesquisa. Escapou da morte e refugiou-se na Holanda, onde passou os últimos anos de sua vida. Ali redigiu mais algumas obras, vindo a falecer em 15 de novembro de 1670.

Em termos de economia, esse período foi marcado por um profundo abismo entre ricos e pobres. Por um lado, cresceu a riqueza com o desenvolvimento do novo modo de produção capitalista e pelo mercado beneficiado pelas intermináveis guerras que varreram a Europa. Por outro lado, a Idade dos Fuggers é também a Idade dos Mendigos. “Um quarto da população de Paris na década de 1630 era constituída de mendigos” (Huberman, 1985, p. 107). Na Alemanha, durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), cerca de dois terços da população desapareceram. Na Inglaterra, a guerra civil (1648-1660) colocou no poder a pequena nobreza e a classe média capitalista, impulsionando-se a indústria manufatureira. Instalou-se um novo pensamento econômico através da filosofia individualista, o que historicamente sempre foi creditado ao espírito protestante. Entretanto, esta visão individualista burguesa é muito mais fruto do cartesianismo e da ortodoxia protestante do que das idéias de Lutero, Calvino, Comenius, entre outros.

4 - Considerações finais

As maiores obras de Comenius são a *Didática* e a *Deliberação universal acerca da reforma das coisas humanas*. A *Didática* se subdivide em *Didática tcheca* e *Didática magna*. A *Deliberação* constitui-se de sete partes: Despertar universal, Iluminação universal, Sabedoria universal, Educação universal (*Pampaedia*) e Exortação universal.

Entre as obras que mais expressam suas idéias e utopias estão a *Didática magna*, a qual propõe uma reforma da escola na busca por um ensino, uma aprendizagem e um método que preparaem o indivíduo para a cidadania, partindo da vida religioso-comunitária e fundamentando-se nas leis e estruturas da natureza; a *Pampaedia*, que expõe sua reforma educacional, e a *Deliberação universal*, na qual ele traça seus propósitos de reformar a sociedade em consonância com as reformas educacionais.

A proposta educacional de Comenius representa uma transição didático-pedagógica no processo de ensinar e aprender entre os períodos da Idade Média e o início da Modernidade. Para Comenius, a educação era o instrumento apropriado para realizar as reformas sociais necessárias que o momento turbulento e conflituoso exigia. A educação era, assim, o caminho para se chegar à libertação e à salvação de todos. Seu pensamento concebe o ser humano como criatura de Deus, feito à sua imagem e semelhança, e, ao mesmo tempo, como um ser capaz de construir a si próprio através do trabalho. Os princípios gerais de sua didática apresentam, segundo Gasparin (1994, p. 41),

(...) o espírito conservador e renovador do momento, ou seja, enquanto, por um lado, há ênfase na memorização, na diretividade total do professor, na exposição docente do conteúdo, na passividade do aluno a quem cabe apenas ouvir, destaca-se, por outra parte, como nova forma de ensino, a imitação da natureza, a observação e a experimentação, os processos das artes mecânicas, os métodos da nova forma de trabalho e da ciência.

Comenius foi um homem de seu tempo. Seu projeto visava adaptar e harmonizar o ser humano dentro do novo contexto produtivo e conturbado entre os séculos XVI e XVII. Ele buscava ver o ser humano como um todo. Diante das necessidades da construção de uma proposta educativa, demandada pelo novo processo produtivo e organização social urbano-industrial, este autor concebeu um conjunto de obras que visavam a construção de uma cidadania para todos, pobres, ricos, homens e mulheres de todas as idades, fazendo com que todas as pessoas experimentassem a libertação da ignorância e do sofrimento e, assim, tivessem acesso à salvação segundo sua confissão religiosa.

A obra comeniana foi a busca de um elemento de igualdade, pela qual todos os seres humanos deveriam ser considerados iguais em direitos. Para ele, a educação era a base para se atingir uma sociedade perfeita; por isso, ele investiu tanto tempo na reforma escolar, pois acreditava que ela era o ponto de partida de qualquer trabalho em favor da humanidade. A educação era vista como um instrumento para garantir as reformas necessárias à sociedade. (Ah-
lert, 1999, p. 87).

Resgatar a obra de Comenius significa reconstruir o espaço da utopia de uma educação para todos, em todos os níveis, numa visão holística e praxista libertadora. Significa a possibilidade de uma educação que respeite a multiculturalidade expressa no seu esforço de garantir os conteúdos universais na língua e contexto cultural onde o ser humano está inserido. Comenius via a cultura e seu símbolo maior, a língua, como uma força libertadora para as nações oprimidas.

Referências bibliográficas

- AHLERT, Alvorí. *Modernidade: das sementes ao nascimento*. Ijuí: UNIJUÍ, 1996. (Cadernos do Mestrado).
- _____. *A eticidade da educação: o discurso de uma práxis solidária/universal*. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. (Coleção Fronteiras da Educação).
- COVELLO, Sérgio Carlos. *Comenius: a construção da Pedagogia*. São Paulo: SEJAC, 1991.
- GASPARIN, João Luiz. *Comênio ou a arte de ensinar tudo a todos*. Campinas: Papyrus, 1994.
- GOMES, Joaquim Ferreira. Introdução. In: COMÊNIO, João Amós. *Didática Magna*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s. d.
- GONZÁLEZ, Justo L. *A era dos dogmas e das dúvidas*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- KULESZA, Wojciech A. *Comenius: a persistência da utopia em educação*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- MONROE, E. *História da educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Por uma pedagogia do conflito. In: SILVA, Luiz Eron. *Reestruturação curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 15-33.